

Reconciliação nacional

UM SONHO, UMA ÂNSIA...

● Debate público sobre a matéria teve lugar em Maputo

por Bento Bakó (texto) e Adriano Murato (fotos)

A reconciliação nacional foi tema de um debate em Maputo. O encontro foi promovido pelo Centro de Estudos Estratégicos do Instituto Superior de Relações Internacionais. Os participantes representaram o Partido Frelimo, as Igrejas Católica e Metodista, as Forças Armadas de Moçambique e, ainda, a UNAMO, único partido político da oposição legalizado até este momento. Mesmo assim, estiveram presentes membros de outras formações políticas emergentes no país.

Os oradores fizeram desaguar as suas intervenções na condição "sine qua non" de acabar com a guerra para a instauração de um clima de reconciliação nacional.

Este encontro, que foi presenciado por razoável público, surgiu numa altura em que os males provocados pela guerra saturaram, sobremaneira, a população moçambicana. A lentidão do processo negociado da Roma, acrescido à intensificação das hostilidades, faz com que não se vislumbrem (pelo menos a curto prazo), quaisquer perspectivas para alcançar a paz.

Foi nesta óptica que a sociedade civil do nosso país "arregalou as mangas" e tenta agora levar à cabo a tarefa de promover a reconciliação nacional.

O debate circunscreveu-se nesse prisma, onde a ânsia pelo rápido restabelecimento da paz e união entre todos os irmãos moçambicanos foi a nota dominante.

IGREJA

A Igreja tem sido o principal catalisador do processo de paz e de reconciliação nacional em curso no país. Basta lembrar que ela está representada, como mediadora, nas conversações de Roma (através do Arcebispo D. Jaime Gonçalves).

Entretanto, neste encontro, que foi presidido pelo Director do ISRI, Agostinho Zacarias, a Igreja esteve representada por duas personalidades religiosas, nomeadamente o padre Joaquim Mabiungue, da Igreja Católica e Jamisse Teimo, da Igreja Metodista.

Falando na ocasião, Joaquim Mabiungue afirmou que falar da reconciliação nacional pressupõe falar do ontem, do hoje e do amanhã. Significa queremos unir

da novo o que estava desunido. Mas, é importante compreendermos o que é que nos une e o que nos divide. A paz é fruto do amor e ultrapassa os níveis da justiça. A reconciliação deve assentar na transformação do coração da sociedade.

Aquele orador adiantou ainda que a Igreja Católica defendia que a reconciliação nacional só poderá ser verdadeira se os moçambicanos se abrissem uns aos outros, num diálogo franco e aberto.

FALA O PARTIDO NO PODER

O Partido Frelimo estava representado pelo Ministro da Saúde, Leonardo Simão, que, ao intervir no encontro, afirmou: O ressentimento é o factor-chave para o processo de reconciliação. Portanto, é o primeiro a eliminar desta guerra, contra o qual devíamos fazer face.

Para Leonardo Simão, os mecanismos da reconciliação devem ser a dois níveis: ao nível de instituições do Estado, religiosas, políticas, etc.) e ao nível do indivíduo. A este nível é necessário que cada um de nós compreenda o fenómeno acontecido e que tenha crença num futuro melhor. Para tal, é necessário que todos os moçambicanos participem em todos os aspectos da vida política, económica e social do país.

Há uma necessidade de perdão, sem olhar para trás, de modo a não perpetuar a violência, afirmou Leonardo Simão.

O ministro delandeu ainda algumas premissas para a reconciliação nacional. A vontade colectiva para a paz e concordância, a realização de uma reunião nacional de reconciliação, onde se assumissem os compromissos entre

todas as instituições envolvidas no processo de reconciliação, foram as primeiras que apontou. A afirmação da moçambicanidade foi outra premissa de destaque para Leonardo Simão, pois a paz e a reconciliação nacional não podem abandonar o processo da formação da moçambicanidade.

— A educação patriótica, e não política, é uma prática que deve estar acima dos interesses de qualquer partido político. É necessário, também, que se agudize a luta contra os factores de divisão e valorizar-se o mérito do indivíduo, para a resolução dos problemas da sociedade. — disse Leonardo Simão que, a finalizar, acrescentou: Temos, igualmente, que restaurar e promover os valores culturais, incluindo os das minorias nacionais. Temos, pois, que criar condições para que esses valores culturais se expressem.

A OPOSIÇÃO

A oposição esteve representada pela UNAMO, na sua qualidade de único partido até agora registado e, ainda, pelo PCN, como convidado.

Rafael de Araújo, vice-presidente da UNAMO, afirmou que a reconciliação nacional é a procura da harmonia, paz, sossego e vida. Quem faz isso somos nós, o povo. Entretanto, a Frelimo e a Renamo continuam a matar esse povo. A UNAMO é um partido pacifista, mas enquanto a Frelimo e a Renamo continuarem a matar o povo inocente, dificilmente poderemos sair deste caos. É necessário que cessem as hostilidades.

O vice-presidente da União Nacional Moçambicana adiantou que as conversações não deviam ser em Roma, pois as leis de



Moçambique devem ser feitas aqui, para permitir a participação de todos. A Renamo e a Frelimo só falam, mas os seus corações estão podres, porque só matam o povo e cometem atrocidades. Eles estão a lutar por uma causa injusta, matando crianças, mulheres e homens inocentes.

O Partido de Convenção Nacional (PCN) fez, na voz de Inácio Chire, uma comunicação ao debate, na qual defendeu a forte intervenção da sociedade civil no processo de reconciliação nacional. A comunicação do PCN refere ainda que só é possível falar em reconciliação nacional num ambiente de paz, pelo que "urge o fim do confronto armado entre a Frelimo e a Renamo".

O Partido de Convenção Nacional considera também que o respeito a todas as diferenças culturais que existem no País é uma das condições necessárias para a unificação da nação moçambicana. Aquilo partido político, em formação, considera a guerra civil que grassa no país e a má gestão das nossas riquezas como os principais responsáveis pelo aumento do fosso existente entre o rico e o pobre, pelo que é necessário viabilizarem-se formas para minorar essa situação.

O caminho para a reconciliação nacional exige, sobretudo, a tolerância política e o respeito pelos direitos humanos — frisou Inácio Chire, em nome do seu partido.

AS FAM

O major Mandra, representante das Forças Armadas de Moçambique considerou no debate que o exército governamental está de uma ou de outra maneira interessado em que o processo de paz em Roma avance a passos largos, o que poderá permitir uma rápida reconciliação nacional.

Porém, aquele oficial moçambicano, reconheceu que a Defesa está a atravessar momentos extremamente caóticos, que se reflectem de várias maneiras na vida do cidadão comum.

— A situação na Defesa está muito complexa, e isso parte do próprio processo de formação das nossas forças que não foi linear. E

sabido por todos como é feito o processo de recrutamento de pessoas para o SMO, afirmou o major Mandra.

Ainda de acordo com aquele orador, as FAM procederam, há dois anos, a uma desmobilização massiva, como forma de minorar os problemas que existem na área. Todavia, outro problema se levantou então: a falta de oferta de emprego para os desmobilizados, que atirou muita gente à marginalidade e ao crime.

A falta de uma boa logística é um factor muito importante, que catalisa a problemática que se vive agora no exército, disse o continuou: As FAM têm assaltado bases da Renamo e lá encontram ossos de cabritos e bois, enquanto eles só comem farinha e sal... A situação está complicada, mas há um grande esforço da parte do Estado e do Governo para que lanhamos as mínimas condições. A Defesa é uma área complexa e penso que, mesmo a reconciliação nacional, no aspecto militar, será muito melindrosa, disse a finalizar.

A POPULAÇÃO...

O público que ocorreu ao debate teve uma participação extremamente activa. Aliás, foi da plateia que o sentimento de todo um povo martirizado pela guerra se evidenciou.

As várias pessoas que intervieram basearam-se, em certa medida, nas posições tomadas pelos principais oradores, para esboçar o seu sentimento e ânsia pela rápida reconciliação nacional. Os populares exortaram que se envolvesse a juventude neste processo de reconciliação nacional, pois é dela que depende o amanhã deste país.

As órgãos de comunicação social foi feita uma crítica por, apesar de estarem a registar ligeiras mudanças, continuarem identificados com o Partido Frelimo. Um orador propôs que as instituições religiosas e similares livessem um maior acesso aos órgãos de Informação, pois aquelas são as principais catalisadoras deste processo de reconciliação nacional.



Aspecto geral da sala onde decorreu o debate sobre a reconciliação nacional.